

CASAMENTOS PREMATUROS EM ÁFRICA

Consciência das comunidades essencial para fim do fenómeno

Notícias, Política, 29.03.2017, 06, 30.007

n JOSÉ CHISSANO,
em Gaborone

CONSCIENCIALIZAR as comunidades para que assumam que os casamentos prematuros constituem um mal para as raparigas, em particular, e sociedade, no geral, mostra-se como uma das melhores modalidades para combater aquela prática em África, principalmente na região Austral.

Este posicionamento foi defendido ontem no seminário regional de capacitação de jornalistas para o combate aos casamentos prematuros, que se realiza em Gaborone, capital do Botswana, sob organização da União Africana (UA).

Os participantes, jornalistas e membros de organizações da sociedade civil, idos de diferentes países da Comunidade de Desenvolvimento

da África Austral (SADC), assumem que o continente possui legislação suficiente para lidar com a prática, mas as comunidades continuam mergulhadas no mal por não assumirem a atitude como verdadeiramente nociva.

Em vários países da SADC, em particular, e da África, no geral, as famílias teimam em entregar as suas raparigas para serem esposas de pessoas muito mais crescidas que elas por acharem ser a melhor forma de garantir-lhes futuro e realização do sonho de constituir família.

É neste sentido que se advoga a concentração de acções tendentes a elucidar as comunidades, principalmente as rurais, de que o casamento prematuro causa danos psicológicos, fisiológicos e de outra natureza. A prática é igualmente nociva por constituir uma forma de propagação

de HIV/SIDA e por levar crianças a serem mães de outros menores.

Moçambique faz-se representar no evento por três jornalistas, sendo um do "Notícias" e dois da Televisão de Moçambique, e dois técnicos da Visão Mundial, sendo uma apresentadora de televisão e a embaixadora daquela organização no combate contra casamentos prematuros.

Dados do Inquérito Demográfico e de Saúde indicam que 14 por cento das mulheres entre 20 e 24 anos de idade se casaram antes dos 15 anos, e 48 por cento casaram-se antes dos 18. Em termos de distribuição geográfica, as zonas centro e norte são as mais afectadas, destacando-se Nampula, Zambézia, Cabo Delgado, Tete e Manica.

Estes dados colocam Moçambique entre os países com a maior prevalência de casamentos prematuros

em África e entre as 11 nações mais afectadas no mundo.

A situação desconforta a sociedade e há várias acções para sanar o mal. O Seminário Nacional sobre Prevenção e Combate contra os Casamentos Prematuros e Gravidezes Precoces, realizado em Cabo Delgado, pela Primeira-Dama, Isaura Nyusi, é um dos esforços rumo à retirada de Moçambique do mapa negro em que se encontra.

Johan Strijdom, do Departamento de Assuntos Sociais na Comissão da União Africana, destacou que o seminário visa robustecer os media para melhor investigar e reportar sobre o fenómeno. Visa, igualmente, levar os jornalistas a perceberem os danos do casamento na vida das crianças e torná-los parte da luta para o fim da prática, que em nada ajuda na melhoria da vida no continente.